

Nós falamos do Bruno: a concepção da exposição virtual “percursos remotos, tradição e memória nas fábricas de doce em conserva de Pelotas-RS” sob a luz da Teoria Ator-rede.

We talk about Bruno: the conception of the virtual exhibition “percursos remotos, tradição e memória nas fábricas de doce em conserva de Pelotas-RS” under the Actor-Network Theory.

Enviado em: 31-05-2022

Aceito em: 22-12-2022

Matheus Cruz¹

Roberto Heiden²

Resumo

Diante da emergência sanitária e a necessidade de isolamento social causados pela disseminação do Coronavírus os museus foram fechados. Esse cenário culminou em angústias e incertezas para as equipes dessas instituições, não só pelo medo causado por um patógeno desconhecido, como também pelas questões suscitadas acerca da necessidade de preservação dos acervos e dos impactos negativos gerados pelo afastamento abrupto do público. Esse contexto obrigou equipes a trabalharem com alternativas para o funcionamento de suas instituições, logo, este ensaio procura refletir acerca dessas alternativas, através do relato da concepção da exposição virtual “Percursos Remotos, tradição e memórias nas fábricas de doces em conserva em Pelotas – RS”, a qual trata da cultura material relativa ao parque agroindustrial da atividade de frutas em conserva na região. Para isso, utilizou-se como fio condutor da análise parte do arcabouço teórico metodológico da Teoria Ator-rede (TAR).

Palavras-Chave: Exposição; Museu do Doce; Teoria Ator-Rede

1 Museólogo na UFPEL, Mestre em Memória social e patrimônio Cultural, doutorando em sociologia (PPGS-UFRGS) mathcruz@gmail.com

2 Doutor em Memória Social e patrimônio Cultural, professor do Departamento de Museologia, conservação e restauro. Diretor do Museu do Doce. heidenroberto@gmail.com

Abstract

In view of the health emergency and the need for social isolation caused by the spread of the coronavirus, museums were closed. This scenario of anguish and uncertainty it's because of the fear caused by an unknown pathogen, also raised questions about the preservation of the collections under the custody of the museums and impacts of the withdrawal from the audience. So the teams started to work with alternatives in order to answer these questions. Therefore, this essay seeks to reflect on these alternatives, through the report of the conception of the virtual exhibition "Percurso Remoto, tradição e memórias nas fábricas de doces em conserva em Pelotas – RS", which deals with the material culture related to the agro-industrial park of the activity of canned fruits in the region. For this, part of the theoretical and methodological framework of the Actor-Network Theory (ANT) was used as a guideline for the analysis.

Keywords: Exhibition; Museu do Doce; Actor-Network Theory

Os museus e a pandemia

Não são os museus os templos nos quais sacrifícios são feitos para se pedir desculpas por tanta destruição, como se quiséssemos de repente parar de destruir e estivéssemos começando o culto indefinido de conservar, proteger, reparar? (LATOURET, 2008, p. 115)

A disseminação da pandemia de COVID-19 implicou em fato alardeado à exaustão, atividades simples e cotidianas foram impactadas pelo medo de infecção e possível morte por um vírus que pouco se conhecia. As medidas sanitárias que visavam à mitigação dos danos à saúde pública compeliram os centros culturais e museus a interromper a visitação, bem como a adotar o trabalho remoto, o que afastou as equipes dos museus de seus espaços físicos de trabalho e gerou uma verdadeira corrida em busca de formas de atuação que dessem conta desse distanciamento, ao mesmo tempo que deveriam ser mantidas as ações museológicas em funcionamento: a internet foi o primeiro e mais utilizado meio para a implementação dessas estratégias. Esse cenário expôs alguns dados emblemáticos que certamente carecem de reflexão, tais como o fato de que mais da metade dos museus do mundo não estava apto para atuação exclusivamente *on-line*, ou que apenas 26,1% das instituições

contava com profissionais específicos para a produção de conteúdo nas redes. Também 18,3% dos museus não dispunham de ninguém incumbido de utilizar a internet como meio de potencializar a ação comunicativa. Outro dado relevante é de que 55,7% das instituições dividia a atuação de seus profissionais entre o trabalho com a internet e outras demandas, tais como a pesquisa de acervos e conservação preventiva. Esses dados são referentes ao estudo realizado pelo International Council of Museums (ICOM, 2020), organização ligada a UNESCO e responsável pela elaboração de políticas internacionais para museus.

O Museu do Doce (Pelotas-RS) é exemplar dos dados coletados pelo ICOM, uma vez que conta com recursos exíguos, tanto humanos quanto financeiros, não dispendo de nenhum profissional especialista no manejo de redes virtuais, ou programação, por exemplo. No entanto, para 2020 havia a perspectiva de que alguns projetos exitosos e executados em 2019 fossem continuados (CRUZ; HEIDEN, 2021), expectativa que foi imediatamente prejudicada pela eclosão da pandemia. Na medida em que a emergência sanitária avançava, com ela surgiram presságios desanimadores sobre o funcionamento dos equipamentos culturais, uma vez que os mesmos passaram a figurar nas últimas posições das listas de prioridades para reabertura. Esse contexto difícil obrigou a atuação das instituições através da internet, ao passo em que longas análises eram difundidas em portais de notícias pautando o dilema saúde *versus* economia (PAES-SOUSA et al., 2020, ALEGRETTI, 2021). Cientistas defendiam a necessidade de isolamento para a contenção da pandemia e eram hostilizados por uma parte da sociedade, sob o pretexto de que essa defesa se alicerçaria na tranquilidade dos empregos públicos e sua estabilidade. (MARTINS, 2021). Diante desse contexto adverso, a equipe do Museu do Doce questionou-se sobre como um museu se mantém ativo e socialmente relevante, ao mesmo tempo em que se vê obrigada a contornar mazelas históricas, tais como o subfinanciamento e a falta de recursos econômicos e humanos, agravadas no momento pandêmico.

Considerado esse cenário, este ensaio busca refletir, através do relato da experiência de concepção e montagem da exposição virtual “Percurso

Remotos, tradição e memórias nas fábricas de doces em conserva em Pelotas – RS”, sobre os efeitos da pandemia de Covid-19 para a produção cultural em museus e as condições sociais dessas concretizações. Para tanto, utilizou-se como fio condutor da análise parte do arcabouço teórico metodológico da Teoria Ator-rede (TAR). De acordo com John Law (2021), um dos precursores na concepção e difusão da TAR:

[...] a teoria ator-rede descreve o *enactment* de relações material e discursivamente heterogêneas que produzem e reorganizam todos os tipos de atores, incluindo objetos, sujeitos, seres humanos, máquinas, animais, “natureza”, ideias, organizações, desigualdades, escalas e tamanhos e arranjos geográficos. (LAW, 2021, p.37)

A tradução a qual obtivemos acesso prefere não adaptar ao português os termos *enact* e *enactment*, no entanto, a leitura do conceito sugere que ele seja a atuação de um ente social, seja ele humano ou não-humano, para a concretização de uma realidade social.

Reflexões sobre museologia e a Teoria Ator-Rede.

Desde a década de 1960 a Museologia passou a ser pensada como uma ciência em construção e discute-se o valor e a compreensão do objeto. Para Brulon (2017), a produção intelectual de Zbyněk Stránský³ teria reajustado o interesse da disciplina, direcionando sua lente para os objetos, que passaram a ser concebidos por seu valor documental, ou musealidade, como nomeia o museólogo do leste europeu. Chagas (1994) traça um panorama dessa discussão e, apoiado em Thomas Kuhn⁴, estabelece que até a década de 1970 a museologia estaria confortável em um paradigma, mais ou menos definido como “a ciência dos museus”, ou seja, dotada de um caráter funcionalista e, nos termos do filósofo, seria uma ciência normal. No entanto, na esteira de

3 Museólogo Tcheco, considerado o precursor do que é chamado de “museologia científica”, uma vez que o pensamento deste autor lançou as bases para as compreensões mais fundamentais da museologia enquanto ciência social.

4 Filósofo da ciência, responsável pela concepção da perspectiva historicista da análise da ciência, a qual compreende que os aspectos históricos e sociológicos também são relevantes para a produção do conhecimento científico.

movimentos como o da Nova História⁵(LE GOFF, 1990) os paradigmas vigentes da “ciência dos museus” foram chacoalhados e suscitaram diversas questões as quais intelectuais se debruçaram no intuito de abarcar essas novas tipologias de museu e as relações que estes estabeleciam com os contextos particulares de cada localidade. É desta forma que no Brasil a professora Waldisa Guarnieri (2010) explorou as noções de Stránský e também baseada em Émile Durkheim⁶afirmou que a museologia compreendida como ciência se ocuparia do “fato museal”, ou seja:

[...] a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato etc (GUARNIERI, 2010, p. 123).

Por sua vez, Brulon (2016) afirma que o surgimento dos Ecomuseus na França distendeu a compreensão acerca do que seria um objeto de museu, pois nessas instituições:

[...] não há uma acepção disciplinar única possível e os modelos preconcebidos são substituídos pelo conjunto de questões e problemas dos quais tanto as pessoas quanto os objetos são testemunhos. [...] os habitantes locais deixarem de interpretar os seus próprios bens a partir de um sistema de valores disseminado pelas elites das metrópoles culturais para interpretá-los de acordo com os seus próprios [...] (BRULON, 2016, p. 111)

A inferência de Brulon (2016) transcrita acima nos remete à reflexão proposta por Jensen (et all 2017), quando estes dizem que a virada ontológica na antropologia começa quando os antropólogos do Ocidente passam a ser criticados pela compreensão de que seriam os “representantes do outro”. De acordo com os autores:

Critiques such as the ones offered by Talal Asad (1973) made clear that Western anthropologists could not claim an innocent position as ‘representatives of the other’. This is why Viveiros de Castro (2004a)

5 Corrente historiográfica que tem como sua principal característica novas formas de tratamento das fontes documentais.

6 Sociólogos Francês, juntamente com Max Weber e Karl Marx são considerados os pensadores clássicos da sociologia.

has referred to anthropology as the ‘most Kantian of disciplines’ – constantly questioning its own grounds of knowledge. (2017, p.528)

Na mesma publicação os pesquisadores atentam para a organização do trabalho do antropólogo, o qual vai ao campo, gera dados, porém, as lentes que usa para interpretá-los são as suas, ou seja: “In the effort to elucidate the culture of others, anthropologists thus impose on them their own categories, including that of culture” (JENSEN et al, 2017, p.528-529).

Na esteira desses questionamentos Georges Henri Rivière (1985), primeiro diretor do ICOM, cunhou em 1980, a seguinte definição para ecomuseu:

An ecomuseum is an instrument conceived, fashioned and operated jointly by a public authority and a local population. The public authority’s involvement is through the experts, facilities and resources it provides; the local population’s involvement depends on its aspirations, knowledge and individual approach. [...] It is an expression of man and nature. It situates man in his natural environment. It portrays nature in its wildness, but also as adapted by traditional and industrial society in their own image(1985, p.182).

O conceito cunhado por Rivière compreende a construção dessas instituições como produto de uma rede de interesses, influências, trocas, convencimentos e expectativas. A proposição do museólogo engloba a relação estabelecida entre uma comunidade, seu território e o patrimônio material inserido no ambiente. A discussão capitaneada pelo museólogo francês é considerada uma das pedras fundamentais para a compreensão da museologia como um campo disciplinar sendo também base para a noção de “museu integral”,⁷ o qual denota uma prática museológica voltada para as questões sociais (SCHEINER, 2012). Logo, em nosso entendimento, a utilização dos pressupostos da TAR para análise do desenvolvimento de um produto museológico, nos parece um acerto, pois fica claro o “[...] conjunto de relações

7 De acordo com Scheiner (2012, p.19): “Consagrado pelo texto da Carta de Santiago, em 1972, o termo ‘museu integral’ vincula-se diretamente ao conceito de ‘patrimônio integral’, construído sobre uma percepção holista do meio ambiente [...] Esta relação singular com o meio ambiente, onde ‘as coisas da natureza serão o patrimônio, vai oferecer (...) uma forma original de socialização’ (Davallon et al., 1992, p. 21). A partir de Santiago, acreditou-se que o Museu Integral seria aquele essencialmente voltado para a ação comunitária – e, de certa forma, esqueceu-se que qualquer museu fundamenta-se numa nítida proposta social: a de aproximar o indivíduo dos processos e produtos da natureza e da cultura.”

materialmente heterogêneas” (LAW, 2021, p.45) para a sua produção, pois, seguir os atores e desvelar suas associações, como indica Latour (2012), pode nos proporcionar um panorama mais acurado sobre essa produção do que aquele já consagrado na teoria museológica, dadas as peculiaridades do cenário.

Nessa perspectiva, mencionamos ainda o estudo de Ribeiro (2012) que ao lançar mão dos pressupostos metodológicos de Latour para observar os museus de arqueologia, e constatar a lacuna entre o conhecimento produzido no âmbito da pesquisa arqueológica e a exposição dos objetos arqueológicos em museus, reflete que a operação de musealização⁸ acontece na grande maioria das vezes nos bastidores dos museus e, portanto, esses processos “[...] acabam sendo obscurecidos no momento da representação pública do conhecimento, fechando-se em caixas-pretas.” (RIBEIRO, 2012, p.69).

Como visto até aqui, mesmo as proposições basilares para a compreensão da museologia como um campo disciplinar consideram o não-humano, os objetos de museu, como parte de seu *métier*, talvez compreendidos como intermediários - nos termos de Latour (2012) - principalmente se considerarmos a diferenciação que este autor faz do conceito de mediadores. De acordo com o sociólogo:

Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Para todos os propósitos práticos, um intermediário pode ser considerado não apenas como uma caixa-preta, mas uma a caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes. Os *mediadores*, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes (LATOURE, 2012, p.65).

A atenção aos não-humanos é de suma importância para a TAR. Com Latour (2012) os não-humanos estão inseridos nas redes de relações e

8 Processo de operações técnicas, tais como, a coleta, identificação, pesquisa, documentação e conservação, com vistas à preservação da cultura material, compreendida como documento ou testemunho do passado, de uma dada coletividade, produto de um exercício de valoração (LOUREIRO, 2016)

significações, são agenciados e agenciam os humanos em igual medida e reciprocamente, portanto, qualquer que seja a descrição ou explicação, esta deve considerar esses fatores. Para David “Pensar os não-humanos como mediadores implica que, por conta de suas características, estes provocam resultados específicos quando participam das ações.” (2016, p.157). A mesma autora chama atenção para as particularidades desses mediadores, pois eles articulam e mobilizam formas de traduzir o mundo. Sendo assim, utilizaremos as próximas seções para caracterizar os atores e mediadores pertinentes para o relato aqui exposto.

O pesquisador e a sua tese

A história⁹ aqui relatada tem origem na atuação do professor e pesquisador do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Alcir Nei Bach, que entre 2009 e 2017 desenvolveu pesquisas sobre a produção dos doces em conserva na região das colônias de imigrantes europeus de Pelotas-RS. Alcir defendeu tese de doutorado onde estabeleceu relação entre a prática difundida nas colônias de imigrantes europeus nas proximidades de Pelotas e as formas e contextos de como tais práticas se espalharam para a zona urbana por meio de uma industrialização mais robusta (BACH, 2017). O referido ciclo agroindustrial, em declínio no presente, foi motor econômico da região e teve seu apogeu entre os anos 1940 e 1990. Como uma medida ilustrativa da grande abrangência desse parque fabril, citamos Bach (2017, p. 108) e a informação de que uma das 47 indústrias catalogadas, em 1988, foi líder do mercado em produtos derivados de frutas e chegou a gerar 3.000 empregos em apenas uma safra. O extenso trabalho de Bach faz um apanhado histórico das razões da ocupação dos imigrantes europeus na região, classifica as técnicas, materiais e ambiente que propiciaram o cultivo das frutas na localidade, bem como aborda também o

9 Law afirma que a abordagem ator-rede não é uma teoria, e explica que as teorias normalmente explicam os motivos pelos quais algo ocorre, no entanto, essa abordagem “[...] conta histórias sobre *como* ocorrem ou não as montagens das relações.” (LAW, 2021, p.38).

posterior processamento dessas frutas, fato que impulsionou a agroindústria dos doces em conserva. O trabalho de Bach constitui potente inventário das quarenta e sete fábricas que foram instaladas em Pelotas desde as últimas décadas do século XIX.

O estudo conclui que o ciclo em questão, mesmo com o atual declínio, legou elementos de memória para a comunidade pelotense que podem ser percebidos para além dos galpões hoje abandonados e as memórias das vivências partilhadas entre ex-funcionários desses empreendimentos, uma vez que no apogeu deste período, já em 1972, os empresários insuflaram, por exemplo, a primeira Feira Nacional do Pêssego (FENAPÊSSEGO) evento que deu origem a - ainda hoje popular – Feira Nacional do Doce (FENADOCE), que acontece anualmente em Pelotas e atrai em média 220 mil visitantes, comercializando mais de um milhão de doces por edição (FINKLER, 2019)¹⁰. A FENADOCE configura-se hoje como uma das principais atrações turísticas de Pelotas e da metade sul do estado do Rio Grande do Sul.

Geógrafo por formação, Alcir Bach (2017) realizou uma pesquisa documental que embasou seu esforço em geolocalizar os empreendimentos na malha urbana da cidade de Pelotas. A partir disso o pesquisador teceu reflexões acerca dos impactos da referida agroindústria na ocupação do espaço urbano, na economia e na sociabilidade da região. As peças faltantes na costura de Alcir foram preenchidas por fontes orais, onde o pesquisador utilizou-se da familiaridade que tinha com a localidade e as práticas da agroindústria¹¹ para aproximar-se de seus informantes. O estudo conduzido pelo professor por si só pode ser um objeto a ser analisado pelos pressupostos teóricos metodológicos propostos para o desenvolvimento deste ensaio: não é difícil imaginar as redes acessadas pelo pesquisador, ou aquelas em que ele já estava inserido, em busca de seus informantes ou dos documentos que utilizou

10 FINKLER, José. Fenadoce se encerra com números superiores aos da edição anterior: Feira recebeu 246 mil visitantes e vendeu mais de 1,3 milhão de doces nos 19 dias de evento. Gaúcha Zero Hora, Porto Alegre, 24 jun. 2019. GZH Viagem. Disponível em: <https://l.ufrpe.edu.br/Fenadoce>

11 Alcir nasceu em uma dessas localidades e quando jovem atuou como mão-de-obra em mais de uma das fábricas que descreve no trabalho. (BACH, 2009).

para a elaboração de sua tese, cujo um dos resultados foi a doação de parte do acervo documental gerado em campo para o Museu do Doce.

O museu e os profissionais.

O Museu do Doce é órgão suplementar da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é o mais jovem dos três museus com sede física mantidos pela instituição e que, em conjunto com os demais, compõe um importante roteiro museológico em pleno centro histórico de Pelotas. De acordo com Leal (2019) o Museu do Doce é produto da reivindicação da comunidade doceira local, sendo atualmente responsável pela salvaguarda de dois patrimônios da nação brasileira: as Tradições Doceiras de Pelotas e região, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Livro dos Saberes, e o Casarão nº8, sede do museu e tombado pelo IPHAN em 1977 juntamente de outras duas edificações vizinhas e em razão de arquitetura notória e de seu impacto na paisagem urbana.

Em funcionamento desde 2013, o Museu do Doce passou por avanços no ano de 2019, tais como a reestruturação de sua exposição de longa duração e a realização de exposições temporárias com impacto na comunidade. Dessa forma, a instituição percebeu um aumento no número de visitantes, impressão corroborada pelo Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul que indicou o Museu do Doce como a instituição mais visitada da sétima região museológica naquele ano¹² (SEDAC/SEM/RS, 2019). Esses dados representaram para a equipe um panorama positivo sobre as ações que poderiam ser desenvolvidas no ano seguinte, sendo uma dessas propostas, frustrada pela pandemia, a realização de um mapa físico, em grandes dimensões, que localizasse geográfica e criticamente o conjunto histórico de

12 A sétima região museológica é uma convenção implantada pelo Sistema Estadual de Museus, ela compreende os municípios de Amaral Ferrador, Arambaré, Arroio do Padre, Arroio Grande, Camaquã, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cerro Grande do Sul, Chuí, Chuvisca, Cristal, Dom Feliciano, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Sentinela do Sul, Tapes, Tavares e Turuçu. (SEM/SEDAC, 2019).

empreendimentos fabris de Pelotas e região. Esse mapa permitiria ao visitante o acesso e compreensão sobre o importante conjunto industrial que mobilizou e segue mobilizando a economia da região de modos diretamente relacionados à cultura e a sociedade local. Dada a obrigação de isolamento social, bem como a necessidade de manter-se relevante mesmo com as portas fechadas, a proposta do mapa foi adaptada pela equipe do museu e concebida como um produto cultural digital.

Assim como na proposta original, o estudo do professor Alcir ofereceria o arcabouço teórico para a construção do discurso expositivo. A escolha do trabalho do geógrafo para embasar a ação deu-se não só pela relevância do estudo, mas também porque a equipe do museu constatou que o tema tinha apelo com seu público. Nesse sentido, em artigo publicado nos Anais da Semana de Museus da UFPel de 2020, Cruz e Heiden (2020) relataram a experiência do projeto Foto do Mês, onde foram selecionadas fotografias vinculadas a histórias das tradições docerias locais e que recebiam uma audiodescrição da imagem, além de uma contextualização histórica. Essas imagens e o conteúdo correlato eram apresentados simultaneamente em uma sala de exposições no museu e publicados nas redes sociais e *website* do museu. Os autores perceberam que as fotografias relativas ao ciclo da indústria conserveira eram as que coletavam mais impressões e engajamento (CRUZ; HEIDEN, 2020, p. 265). Tal constatação reforçava a pauta de ação por parte do professor e pesquisador Alcir Bach, que tem desde o início de seu envolvimento com o tema militado em busca do reconhecimento e a patrimonialização do parque industrial que outrora acolheu a atividade conserveira. Bach (2017) evidencia esse desejo no próprio texto de conclusão de sua tese:

A pesquisa apontou a necessidade da constituição de um acervo ou arquivo específico do setor conserveiro de doces (compotas). O autor vem procurando colaborar neste sentido junto ao Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas. Itens reunidos durante o trabalho anterior, de Mestrado em Memória e Patrimônio, sobre as fábricas rurais de compotas de pêssego, já foram doados ao Museu. Da mesma forma, ao fim da presente pesquisa, diversos itens ligados às fábricas urbanas de compotas de pêssego terão o mesmo destino. Entretanto, dada a significância do setor conserveiro e a flagrante ausência de material de pesquisa reunido e organizado sob a forma

de acervos relativos, observa-se a pertinência da criação de um espaço museológico específico para as compotas locais. (BACH, 2017, p.201)

A relação de Bach (2009, 2017) como tema de pesquisa sobre o conjunto de empreendimentos fabris voltados para a produção de doces em conserva extrapola como resultado a escrita de seus textos acadêmicos para obtenção de mestrado e doutorado, na medida em que, como já dito acima, durante a pesquisa de campo o autor compilou um importante conjunto de documentos gráficos e objetos tridimensionais, os quais foram em sua maioria doados ao Museu do Doce. Por essa razão, tal conjunto tem o nome do próprio pesquisador como indicador da coleção temática (MOTA, et all 2021).

Além disso, como afirma Latour (2000. p.170): “Você pode ter escrito um artigo definitivo provando que a Terra é oca e que a Lua é feita de queijo fresco, mas esse artigo não será definitivo se outras pessoas não o tomarem e usarem como fato, mais tarde.” Logo, é possível compreender que a apresentação das conclusões do pesquisador em uma exposição museológica relaciona-se com o que Callon (2021) chama de dispositivos de interessamento, ou seja, o conjunto de motivos para cada um dos atores atingido por uma determinada ação se engajar na empreitada. Nos pressupostos deste autor: “Interessar outros atores é construir dispositivos que podem ser colocados entre eles e todas as outras entidades que querem definir suas identidades de outra maneira.” (CALLON, 2021, p.75).

Percursos remotos, ou, como inscrever os atores dispersos em relação a um tema expográfico

Michel Callon (2021, p.78) em seu texto aponta que por mais convincente que sejam os argumentos nenhum sucesso está garantido até que se coordene os papéis de cada um dos atores, o que é nomeado pelo autor como inscrição. Para Callon (2021) é na inscrição que as questões levantadas na primeira das etapas da tradução começam a ser sanadas. Ou seja, no projeto que está sendo relatado nesse texto, este momento da inscrição se deu quando a equipe do Museu do Doce passou a fazer testes na rede social

escolhida para a disponibilização da exposição – o *Google Maps* -, verificando se ela atenderia a todos os formatos imaginados e se não, como se deveriam reimaginar novos. Aqui se recorreu ao acervo sob a guarda do Museu do Doce, buscando-se objetos, preferencialmente digitalizados e documentados, e que pudessem compor o percurso expositivo, concomitante ao estudo que se fez da tese de Alcir em busca de informações para a composição da narrativa expográfica.

Foi central para esse momento de execução do projeto o Volume II da tese de Bach (2017) que consiste no inventário propriamente dito das fábricas de doces em conserva. Nesse volume, cada um dos empreendimentos possui a informação de sua data de inauguração e de encerramento das atividades (quando é o caso), além de endereço e dados de localização geográfica (latitude e longitude). Essas informações foram relacionadas o uso atual de cada uma das edificações, e seus proprietários originais. A tese possui ainda um texto explicativo, baseado em fontes orais e documentais que descreve a trajetória histórica de cada fábrica e, por fim, um campo denominado “acervo” onde se encontram imagens de toda a cultura material relativa ao estabelecimento que foi coletada durante a pesquisa: os objetos vão desde rótulos até informes publicitários, fotografias, maquinário, mapas, croquis, plantas baixas e recortes de jornal.

Considerando as limitações impostas pelo *Google Maps*, tais como o número máximo de caracteres na caixa de informações de cada um dos marcadores inseridos no mapa, os textos explicativos de cada um dos empreendimentos e citados a partir da Tese de Alcir precisaram ser editados. Foi priorizada a narrativa histórica redigida pelo pesquisador, logo, foram suprimidas transcrições das entrevistas, por exemplo. Cabe ressaltar que todos os textos mantiveram a indicação de que foram concebidos pelo pesquisador e o caminho para que o leitor os encontre na íntegra. Tais supressões e acomodações incorrem na assertiva de Latour (2000) quando este afirma que a totalidade dos atores que se relaciona com um fato o está operando de alguma forma, logo, a característica de que a plataforma demarca seus limites de

personalização e o número máximo de caracteres no texto explicativo é um indicativo dessa restrição. De acordo com o sociólogo:

[...] todos os atores estão fazendo alguma coisa com a **caixa-preta**¹³. Mesmo na melhor das hipóteses, eles não a transmitem pura e simplesmente, mas acrescentam elementos seus ao modificarem o argumento, fortalecê-lo e incorporá-lo em novos contextos. (LATOIR, 2000, p.171)

Considerados os limites detectados a equipe optou por utilizar no máximo três imagens de itens oriundos da cultura material de cada uma das fábricas, quando essas dispusessem desse número, e também priorizou os rótulos, dado que no passado esses itens oriundos da indústria gráfica embalsamaram os doces em conserva produzidos por esses empreendimentos, uma vez que eles detêm apelo estético e, de acordo com Bach (2017, p.27), baseado em sua experiência de pesquisa ao coletar os depoimentos orais, os rótulos funcionam como ativadores da memória, ou seja, evocam outras lembranças. Nesse sentido, exemplificamos o caso do senhor Fábio Almeida Sacco: ao visitar o Museu do Doce deparou-se com um rótulo da indústria de pêssegos de seu bisavô¹⁴ e, mobilizado por esse contato, realizou relato de sua infância e da presença da tradição doceira em sua família. As peças gráficas preservadas na coleção do Museu do Doce também foram priorizadas, pois grande parte delas se encontra digitalizada, documentada e disponível em banco de dados na internet que pode ser acessado remota e livremente pela equipe, o que foi fundamental, dado que essa estratégia minimizaria a necessidade de deslocamento até o museu.

Para a equipe do Museu do Doce, expor objetos tridimensionais em vitrines com etiquetas explicativas, nos amplos salões do casarão eclético do século XIX, era um fato corriqueiro e performava o discurso museológico padrão, no entanto, no “mundo virtual”, onde não há vitrines de vidro, a

13 Para Latour (2000) as ciências quando “prontas” fecham-se em caixas-pretas, que são abertas por controvérsias, ou pela análise sociológica que desvela as condições sociais de sua descoberta ou implementação.

14 CONHEÇA o Museu do Doce em Pelotas, Jornal do Almoço - RBS, Globoplay, 09 abril 2022, 4 min, Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10468703/>, Acesso em: 25 maio 2022.

constituição do discurso museológico corria o risco de ser apenas mais uma gota no mar bravio do conteúdo de internet. Diante dessa insegurança e tentando contornar a os entraves por falta de conhecimento das ferramentas digitais, foi inscrita ao processo de produção uma bolsista de extensão oriunda do curso de Design Digital da UFPel incumbida de reformular e preparar o site do museu¹⁵ para receber a exposição. O *website* do Museu do Doce foi compreendido como o principal veículo de exploração da mostra. Nesse contexto, foi desenvolvida a linguagem visual da exposição, (com logomarca, marca d'água para as fotografias e para as etiquetas identificadoras de cada uma das imagens que seriam utilizadas). Assim como os demais não-humanos a identidade visual e o site foram tratados como mediadores, aos quais Latour (2012) atribui as seguintes características: “[...] transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam. (2012, p.65).

De acordo com Cury (2005), quando esta estuda as metodologias de concepção de exposições em museus:

O museu – e sua equipe de profissionais – é uma instituição produtora de exposições. Em síntese, parte do conhecimento existente sobre o acervo, desenvolve uma lógica conceitual, organiza os objetos museológicos associados a elementos contextualizadores (CURY, 2005, p.33).

Ou seja, os produtos de linguagem visual imprimem ao acervo a identidade do museu, ajudam na construção do discurso pretendido. Nos termos de Law (2021) eles performam para a constituição de múltiplas realidades.

Inauguração, ou conclusão

A exposição foi inaugurada no dia 17 de agosto de 2020. No dia 23 de maio de 2022 registrava 2459 visualizações¹⁶, todas alcançadas nas primeiras

15 Museu do Doce –UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/>

16 Inventário das fábricas de compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990). Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1lg->

semanas de sua divulgação com os contadores das redes sociais indicando bons números de engajamento. A teoria Ator-rede prescreveu que “a realidade é localizada histórica, cultural e materialmente”, portanto, o desvelamento do processo de composição de um produto museológico, nos moldes que nos dispomos a concretizar neste ensaio, oferece um panorama acurado das condições com as quais profissionais da cultura desenvolvem seus trabalhos. Evidencia-se também o quanto o conhecimento exposto nos museus é produzido de forma relacional, neste caso, considerando-se uma série de profissionais de museus lidando com as incertezas de uma pandemia, um museu distante do seu público, uma peça do conhecimento tentando ser conhecida e uma plataforma de mobilidade urbana *enactaram* uma exposição virtual, performando uma peça de conhecimento, entretenimento e evocadora de memória.

A experiência vivida pela equipe do Museu do Doce na pandemia certamente é a mesma de muitos museus brasileiros que precisaram enfrentar a conjuntura vigente. No entanto, a busca por soluções criativas e ações que perpassem a falta de recursos já figura na realidade de vários museus brasileiros muito antes do aparecimento da COVID-19, a qual se impôs como fator preponderante neste momento. A ação aqui descrita se baseia nas potencialidades oferecidas pela estrutura universitária em que o museu se insere e, da mesma forma, pode-se imaginar que um museu de comunidade se utilizará dos aportes comunitários na busca por soluções para a atuação diante das adversidades impostas.

Logo, experiências como a aqui relatada oferecem um retrato da realidade de museus mais ampla do que nomenclaturas determinantes, tais como “museu tradicional”, ou “museu social”, uma vez que tais nomeações sugerem um grupo de características e dinâmicas sociais autoexplicativas, características essas que ao nos debruçamos sobre os processos envolvidos, acontecem longe do formato ideal localizado nesses conjuntos teóricos.

Referências

ALEGRETTI, Laís. Discutir conflito entre 'saúde e economia' não faz sentido para governos, avalia economista. **BBC News**, Londres, p. xx, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56413842>. Acesso em: 23 maio 2022.

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio Industrial Rural: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas, 1950 a 1970**. Orientador: Maria Letícia Mazzucchi Ferreira. 2009. 204 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2009. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Alcir-Bach.pdf>. Acesso em: 16 maio 2022.

_____. **Patrimônio Agroindustrial: Inventário das fábricas de compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990)**. Orientador: Ester Judite Bendjouya Gutierrez. 239 p. Tese (Doutorado) – Programa de Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2017. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2017/05/TESE_ALCIR_NEI_BACH_OUT2017_opt-V.1.pdf Acesso em: 16 mai. 2022

BRULON, B. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. In: **Transinformação**. 2016, v. 28, n. 1, pp. 107-114. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/DbzMxWw5sTW384L3mcqBJKJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 11 mai. 2022

_____. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a escola de Brno. **Anais no Museu Paulista, São Paulo, v. 25, n. 1**, p. 403-425, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/bh9THVq36HCFdZKfdMNNDzf/?lang=pt> Acesso em 10 mai. 2022

CALLON, Michel. Elementos para uma sociologia da tradução: A domesticação das vieiras e dos pescadores da baía de Saint-Brieuc. In: ALZAMORA, Geane *et al.* **Dossiê Bruno Latour**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2021. cap. 1, p. 67-95.

CHAGAS, M. D. S. O CAMPO DE ATUAÇÃO DA MUSEOLOGIA. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 2, n. 2, 1994. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/533> Acesso 10 mai. 2022

CRUZ, Matheus; HEIDEN, Roberto. A foto do mês no museu do doce: Musealização e fotografia acessível. **Anais da Semana de Museus UFPel 2020**. Pelotas v. 4, p. 257 – 268, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/asm/issue/view/1006>. Acesso em 26 maio 2022

_____. Atividades remotas para museus pandêmicos: ações virtuais do Museu do Doce (UFPeL) no ano de 2020. **Anais da Semana de Museus da UFPeL 2021**, Pelotas, v. 5, p. 327-338, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/asm>. Acesso em: 25 maio 2022.

CONHEÇA o Museu do Doce em Pelotas, Jornal do Almoço - RBS, Globoplay, 09 abril 2022, 4 min, Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10468703/>, Acesso em: 25 maio 2022

CURY, M. X. : Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005.

DAVID, Marília L. Certificação de alimentos e práticas científicas: o caso da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Orientador: Julia Silvia Guivant, Florianópolis, 2016

FINKLER, José. Fenadoce se encerra com números superiores aos da edição anterior: Feira recebeu 246 mil visitantes e vendeu mais de 1,3 milhão de doces nos 19 dias de evento. **Gaúcha Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jun. 2019. GZH Viagem. Disponível em: <https://l.ufpel.edu.br/Fenadoce> Acesso em 16 mai 2022

GUARNIERI, W. R. C. A interdisciplinaridade em Museologia. In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. [S.l: s.n.], 2010. BRUNO, M. C. O; ARAÚJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L (orgs)

ICOM. Museos, profesionales de los museos y COVID-19. 2020, Disponível em <<https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/05/Informe-museos-y-COVID-19.pdf>> Acesso em: 19 mai. 2022

IPHAN. **Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu)/RS**. 2018 Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_%20tradicoes_doc_eiras_de_pelotas_antiga_pelotas.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2022

JENSEN, Casper Bruun et al. New ontologies? Reflections on some recent 'turns' in STS, anthropology and philosophy. In: **Social Anthropology**, v. 25, n. 4, p. 525-545, 2017

LAW, John. "Teoria Ator-Rede e Semiótica Material." In: ALZAMORAG. et all **Dossiê Bruno Latour**, Editora UFMG, 2021, pp. 37-66. Trad. Alcione Cunha Silveira

LATOURE, Bruno. Máquinas: As incertezas do construtor de fatos. In: LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: COMO SEGUIR CIENTISTAS E ENGENHEIROS SOCIEDADE AFORA**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000. cap. 3, p. 169-199.

_____ O que é Iconoclash? ou, há um mundo além das guerras de imagem? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008

_____ Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rede. Salvador: Edufba, 2012, Bauru: Edusc, 2012.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma construção patrimonial**: a tradição doceira de Pelotas e antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas.. Orientador: Francisca Ferreira Michelin. 2019. 291 p. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2019. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5484/1/NORIS%20MARA%20PACHECO%20MARTINS%20LEAL_Tese.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990

LOUREIRO, M. L. de N. M. Reflexões sobre musealização: processo informacional e estratégia de preservação. In: **III Seminário Serviços de Informação em Museus**, São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016. v. 1. p. 91-103. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/322800.pdf> Acesso em 23 de Mai. 2022

MARTINS, Pedro. Cientistas e acadêmicos se mobilizam contra ataques ao professor Pedro Hallal da UFPel. Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), São Paulo, p. xx, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/cientistas-e-academicos-se-mobilizam-contra-linchamento-ao-professor-pedro-hallal-da-ufpel/55623/>. Acesso em: 23 maio 2022.

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In: Nunes, João Arriscado e Roque, Ricardo (org.). **Objectos impuros**:

experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

MOTA, A. R. J, GONÇALVES, A. F, LEAL, N. M. P. M. L. A Coleção Fotográfica da Confeitaria Nogueira do Museu do Doce da UFPel: Desafios e Processos. Pelotas – RS. In: MOUSEION, Canoas, n. 38, jul. 2021, p. 01-13. ISSN 1981-7207

PAES-SOUSA, Rômulo; BARRETO, Maurício L; ROCHA, Rudi. Salvar vidas ou a economia é falso dilema. Jornal O Globo, São Paulo, 24 maio 2022. Caderno Saúde, p. xx. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/artigo-salvar-vidas-ou-economia-falso-dilema-24331127>. Acesso em: 23 maio 2022.

RIBEIRO, Diego Lemos. Estruturação conceitual. In: RIBEIRO, Diego Lemos. **A Musealização da Arqueologia: um estudo dos Museus de Arqueologia de Xingó e do Sambaquí de Joinville**. Orientador: Maria Cristina Oliveira Bruno. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de PósGraduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 376. DOI 10.11606/T.71.2013.tde-21052013-110733. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-21052013-110733/pt-br.php>. Acesso em: 6 maio 2022.

RIVIÈRE, G. H. The ecomuseum-an evolutive definition. In: **Museum International**, nº148 Vol. 4, p.182–184, Paris, 1985. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000068366#:~:text=The%20ecomuseum%20attempts%20to%20maintain,Back%20coffer>. Acesso em 14 maio 2022

SEDAC/SEM/RS. **Pesquisa de Público Visitante dos Museus do Rio Grande do Sul** - 2019. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/2019-5dcc34aea67bf>. Acesso em: 25 maio 2022

SCHEINER, T. C. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SOUZA, Diego. Google Maps agora permite seguir perfis estilo rede social. São Paulo, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/como-seguir-perfis-google-maps-169127/>. Acesso em: 23 maio 2022.

UFPEL. Site do Museu do Doce. PERCURSOS REMOTOS, TRADIÇÃO E MEMÓRIA NAS FÁBRICAS DE DOCE EM CONSERVA DE PELOTAS-RS. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/exposicao-virtual/> Acesso em: 26 maio 2022